

Conjugação dos Tempos de Vida
Idade, Trabalho e Emprego

Licínio Manuel Vicente Tomás

CONJUGAÇÃO DOS TEMPOS DE VIDA

IDADE, TRABALHO E EMPREGO



LISBOA, 2012

© Licínio Manuel Vicente Tomás, 2012

Licínio Manuel Vicente Tomás
Conjugação dos Tempos de Vida. Idade, Trabalho e Emprego

Primeira edição: Junho de 2012
Tiragem: 400 exemplares

ISBN: 978-989-8536-08-2
Depósito legal:

Composição (em caracteres Palatino, corpo 10)
Concepção gráfica e composição: Lina Cardoso
Capa: Nuno Fonseca
Revisão de texto: Gonçalo Praça e Helena Soares
Impressão e acabamentos: Europress, Ld.^a

Este livro foi objecto de avaliação científica

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa,
de acordo com a legislação em vigor, por Editora Mundos Sociais

Editora Mundos Sociais, CIES, ISCTE-IUL, Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa
Tel.: (+351) 217 903 238
Fax: (+351) 217 940 074
E-mail: editora.cies@iscte.pt
Site: <http://mundossociais.com>

Índice

Índice de figuras e quadros	xi
Nota prévia e agradecimentos	xv
Prefácio	xvii
1 Introdução. Para uma nova problemática do envelhecimento social ..	1
Objecto e considerações preliminares sobre idade e actividade	3
A idade e a sua centralidade implícita e objectiva.....	8
Algumas questões metodológicas e alcance do presente estudo.....	9
Envelhecimento no e pelo trabalho	15
2 A questão do tempo, idade, lugar do trabalho e emprego nas gerações de activos	23
Fixar durações, instituir temporalidades	24
A idade: medida do tempo vivido e estigma social	27
Idade no trabalho e diferenciação geracional.....	31
A questão da divisão social do trabalho e a estruturação social	33
Modos de vida e de sobrevivência após os 45 anos	50
A situação das gerações e da idade activa no período mais recente	54
3 O envelhecimento populacional e seus reflexos nos activos e no emprego	57
A demografia da população activa e sua tendência	58
Activos: uma classificação e uma população com dinâmica própria.....	59
Evolução global da população activa a nível nacional	64
Demografia da população activa e evolução	75
Envelhecimento da população global e dinâmica dos activos em Portugal	81
A incidência do desemprego, segundo a idade como indicador de centrifugação activa.....	85

4	A idade no trabalho e o envelhecimento dos trabalhadores	89
	Idade e actividade: concepções, implicações e tendências de investigação.....	91
	A medicalização da existência e as patologias ditas da idade.....	98
	A visão da idade avançada e as representações.....	103
	O envelhecimento no e por relação com o trabalho.....	108
5	Percursos da idade, ambiente laboral e mudanças na situação de trabalho	113
	A transformação da relação com o trabalho à escala nacional e insular	115
	Percursos de trabalho, percursos pelas idades.....	123
	A função de recursos humanos e gestão das idades.....	131
	O entendimento do trabalho após os 45 anos.....	133
	A extensão do trabalho e do tempo livre.....	139
	Os horários de actividade e a compartimentação dos tempos.....	141
	Significado e prefiguração da reforma.....	145
	O tempo livre que se afirmou como direito ao longo da idade.....	147
6	Os sinais da idade e trajectórias de envelhecimento na relação com o emprego	149
	As visões, acepções e manipulações da idade dos trabalhadores.....	150
	A percepção das diferenciações e dos desfavorecimentos etários.....	159
	A construção da discriminação etária e do que dela se invoca.....	162
	A diferenciação pela idade e implicações no emprego.....	162
	Representação e entendimento da mais-valia segundo a idade.....	164
	Percepção do envelhecimento na sua relação com o emprego.....	166
	O dilema da idade avançada perante o emprego.....	172
	Desclassificação e afastamento pré- figurativos de envelhecimento.....	174
7	Trajectórias e projectos de envelhecimento no uso e repartição do tempo	177
	Entre segurança social e incerteza pessoal.....	178
	Tempo de trabalho e desigual contributividade social.....	179
	Idade de trabalho, regulação e partilha geracional do emprego.....	181
	Legitimidade médica na leitura do corpo e construção da incapacidade.....	183
	Envelhecer na “concepção de si” e na relação pessoal com o trabalho..	185
	Conjecturar a esperança: projectos de envelhecimento e de tempo próprio.....	189
	A construção de um tempo pessoal no tempo social e profissional.....	193
	Trajectórias e segmentação temporal nos percursos de trabalho.....	194
	Interpretação dos resultados e do lugar da idade.....	199
	Perspectivas de evolução, efeito geracional e aspirações pessoais.....	205

8	Conclusão geral	209
	A desigualdade da idade e a diferenciação etária	209
	Contradições relativas à idade e empregabilidade.....	211
	Aspectos a ter em conta na questão do envelhecimento activo	215
	Divisão social e envelhecimento categorial: a realidade dos novos velhos.....	218
	Para uma sociologia da gestão da idade, dos tempos de vida e do envelhecimento social	221
	Anexo I	
	Evolução dos quantitativos populacionais totais, activos e empregados no país de 1974 a 2001 (em milhares)	225
	Anexo II	
	Evolução dos rácios Inactivos/Activos e Taxas Brutas de actividade da população portuguesa 1974-2001 (em %)	226
	Referências bibliográficas	227
	Publicações de organismos oficiais e estatísticas consultadas.....	250

Índice de figuras e quadros

Figuras

2.1	Taxas de actividade geral dos mais de 45 anos e respectivas proporções de trabalhadores na população portuguesa 1950-2001.....	39
2.2	Estrutura comparada dos activos do sector terciário e de activos agrícolas em Portugal em 2001.....	40
2.3	Estrutura de activos operários e dos quadros técnicos e científicos em Portugal em 2001.....	43
2.4	Comparação da situação dos activos com mais de 45 anos e menos de 45 anos por modalidades de relação com o trabalho, em 2001	46
2.5	Distribuição dos activos com mais de 45 anos e com menos de 45, segundo a situação na profissão na população activa portuguesa em 2001.....	49
3.1	Evolução das taxas brutas de actividade por género nos últimos 25 anos, em Portugal.....	67
3.2	Evolução conjunta das taxas brutas de actividade, das taxas de participação feminina e da relação inactivos/activos, nos últimos 25 anos, em Portugal.....	68
3.3	Evolução dos efectivos femininos por sector de actividade desde 1986, em Portugal	71
3.4	Evolução da repartição sectorial do emprego na região, de 1981 a 2001.....	73
3.5	Taxas de actividade por idade, em Portugal, em 1950.....	77
3.6	Taxas de actividade por idade, em Portugal, em 2001.....	78
3.7	Taxas de actividade por idade, nos Açores, em 2001	79
3.8	Evolução da estrutura de activos nos últimos 50 anos em Portugal	80
3.9	Evolução das taxas de participação femininas nos últimos 50 anos em Portugal, segundo os censos.....	81
3.10	Evolução da média de idades dos activos no país entre 1950 e 2001...	85

4.1	Dimensões da idade, factores de envelhecimento e tipos	109
5.1	Expressão relativa das categorias de significado do trabalho (%)	138
5.2	Classificação e repartição do tempo útil.....	140
5.3	Significado e noção do tempo livre	143
5.4	Entendimento da reforma	145
6.1	Distribuição da idade subjectiva relacional para cada categoria de idade subjectiva identitária	155
6.2	Foi preterido a favor de que tipo de pessoas?	161
6.3	Aceitabilidade segundo a idade em cada nível de escolaridade alcançada.....	165
7.1	Tipos de trajectória e estruturação do tempo de trabalho.....	197
7.2	A unidade do trabalho e a articulação da partilha social do emprego ..	201
7.3	Articulação dos tempos individuais e geracionais a partir da idade para o trabalho	203

Quadros

2.1	O emprego do sector terciário pelos principais ramos, no arquipélago dos Açores e em Portugal, em 1981, 1991 e 2000	42
2.2	Média de idades dos activos e proporções de mais de 45 anos por grupo socioeconómico em Portugal e Região Açores em 2001	44
2.3	Média de idades nos activos por condição perante a actividade económica em Portugal, na Região Açores e na ilha de São Miguel	50
2.4	Média das idades dos activos e proporções com mais de 45 anos na população com mais de 15 anos, por principal meio de vida, em Portugal e Açores	51
2.5	Dependência relativa do principal meio de vida em Portugal, Açores e São Miguel, após os 45 anos	52
3.1	Proporções de activos e inactivos em idade de trabalhar (15-65 anos) nos três últimos recenseamentos da população, em Portugal	69
3.2	Evolução das taxas de participação e do peso da população adulta (15-65) entre censos em Portugal	70
3.3	Proporções de activos por sectores de actividades nos três últimos censos, comparando o país, a região e a ilha de São Miguel	74
3.4	Proporções de “activos jovens”, de “activos de meia-idade” e de “activos de idade avançada” no universo de activos nos censos de 1950 a 2001.....	83
3.5	Evolução da média das idades dos activos por regiões e em Portugal nos dois últimos censos gerais da população	86
3.6	Comparação das taxas de desemprego por grupos de idades, total e sexos separados, nos três últimos censos na população portuguesa. .	87
3.7	Comparação das taxas de desemprego por grupos de idades, total e sexos separados, nos três últimos censos na população da Região Autónoma dos Açores	88

5.1	Média de idades em que se deixou a escola, começou a trabalhar e se conseguiu o primeiro emprego	124
5.2	Média de idades em que se começou a trabalhar e em que se conseguiu o primeiro emprego, por sexos	125
5.3	Média de idades em que se deixou a escola, se começou a trabalhar e se conseguiu o primeiro emprego nas gerações mais novas e mais velhas.....	125
5.4	Mudanças e interrupções da actividade versus continuidade das carreiras profissionais.....	126
5.5	Níveis educacionais da população activa com mais de 45 anos no censo de 2001	129
5.6	Vínculo jurídico do contrato e regularidade de trabalho em função do nível de escolaridade alcançado (%).	130
5.7	Propensão manual e não-manual do trabalho, em função do nível de escolaridade alcançado (%)	130
5.8	Principal significado que os entrevistados atribuem ao trabalho (%). ...	139
5.9	Inquiridos com horários definidos/padronizados em função da extensão horária semanal	142
5.10	Entendimento da reforma, por sexos, em cada grupo de idades.....	146
5.11	Principal significado da reforma segundo a categoria profissional	146
6.1	Média dos desvios de idade objectiva e atribuída por sexos em cada escalão etário	154
6.2	Média dos desvios de idade objectiva e atribuída por categoria socioprofissional	156
6.3	Idade em que se considera iniciar-se o envelhecimento.....	158
6.4	Idade de envelhecimento e desvios reais e subjectivos, por categoria socioprofissional	158
6.5	Percepção de desfavorecimento ou de ser preterido em geral, segundo o sexo por classe etária	160
6.6	Maior aceitabilidade antes ou agora, segundo o sexo por classe etária. ...	165
6.7	Possibilidades de manter o emprego com a idade, por sexos, em cada escalão etário	168
6.8	Possibilidades de arranjar um novo emprego com a idade, por sexos, em cada escalão etário	168
6.9	Possibilidades de arranjar novo emprego com a idade, segundo a forma de trabalho	169
6.10	Possibilidades de arranjar um novo emprego com a idade, por grupos socioprofissionais	170

Prefácio

Há no trabalho muito do que nos caracteriza em sociedade e na idade algo de identitário e de inexorável para referenciar os percursos de vida. Este livro reflecte em sete capítulos a tese de doutoramento de Licínio Tomás sobre a problemática do envelhecimento social e da dinâmica do emprego associada à variável idade. Para isso, desenvolve e sistematiza logo desde início os conceitos de idade, de actividade e do envelhecimento, relacionando-os com o de trabalho. Um exemplo que serve para situar uma das dimensões desta problemática baseia-se no seguinte: “Sob pretexto da reestruturação dos quadros de pessoal, muitos activos com idades ainda jovens foram compelidos para a inactividade. Mas, saindo do activo, ainda que com idades jovens, passa-se a pertencer à Terceira Idade, que pode ser uma forma de velhice antes da idade” (p. 25). Estas tensões presentes na vida de trabalho das pessoas são tratadas com detalhe, com minúcia, ao longo do livro.

No capítulo seguinte aborda a questão do tempo, da idade e o lugar do trabalho e do emprego nos activos mais velhos. aqui se discutem as instituições das temporalidades e a relevância do padrão temporal, assim como a medida do tempo vivido para a diferenciação geracional no trabalho e a explicação da escolha dos 45 anos como ponto de referência para o estabelecimento da análise sobre “activos mais velhos”. Para isso, o autor analisa também as condicionantes da idade em Portugal no período mais recente. Ainda a propósito deste grupo etário, diz o autor que “para o caso insular, a efectividade e a antiguidade num posto de trabalho e o exercício de uma actividade, no quadro de uma empresa, estão conotados com o posicionamento social. Constitui, seguramente, toda a diferença entre quem emigrou ou não emigrou, entre modos de vida no activo e fora dele — ou com ele directamente relacionados — mas, sem dúvida, com contornos distintos entre homens e mulheres” (p. 48).

Segue-se uma análise de carácter demográfico sobre este grupo etário, em particular sobre a categoria de “activos”. Aqui verifica a existência de distintas estruturas de actividade e compreende o envelhecimento da população global com os seus efeitos evidentes na dinâmica dos activos em Portugal. Neste processo de dinâmica populacional, tenta estudar a incidência do desemprego e verifica que este pode ser um indicador de centrifugação activa.

A idade no trabalho e o envelhecimento dos trabalhadores é objecto de um capítulo próprio (o 4.^o). Aqui faz uma revisão da discussão científica em torno do conceito de idade e de envelhecimento. Esta revisão não se centra unicamente na situação de trabalho, mas também na saúde. É aqui que Licínio Tomás aborda o que designa por “medicalização da existência”. Detendo em particular nas representações sociais da idade avançada e nos seus atributos, refere a “experiência desactualizada” e o “cansaço cumulativo” como elementos descritivos dessas representações. Por este motivo, regressa finalmente à análise do envelhecimento e da sua relação com o trabalho.

Na segunda parte deste livro, o autor começa a sua análise de carácter mais empírico. De um modo geral, estuda no capítulo 5 os percursos de vida dos trabalhadores (de ambos os géneros), desde a entrada na vida activa, o valor do trabalho e significado da saída do mercado de trabalho nas trajectórias de envelhecimento. A extensão do trabalho e do tempo livre, assim como a sua repartição/compartimentação dos tempos na vida quotidiana, são outros dos tópicos que constituem este capítulo.

A maior parte das suas referências empíricas, porém, encontram-se nos capítulos seguintes (6 e 7). O primeiro aborda os sinais da idade e o segundo as trajectórias de envelhecimento na relação com o emprego. Integra elementos de análise sobre a idade e o corpo, sobre a idade de facto e a idade atribuída e sobre a própria percepção das diferenciações e dos desfavorecimentos etários. Aqui surgem os elementos sobre a construção da discriminação etária e a diferenciação pela idade e suas implicações no emprego. Em geral, podemos falar do desenvolvimento de uma percepção do envelhecimento na sua relação com o emprego.

O último capítulo aborda as trajectórias e projectos de envelhecimento no uso e repartição do tempo. O tempo de trabalho, a regulação e partilha geracional do emprego, ou ainda as desigualdades do envelhecimento laboral são elementos fundamentais desta análise com base de verificação empírica. O autor refere além disso a construção de um tempo pessoal no tempo social e profissional.

De entre as principais conclusões, podemos retirar estas: “Enquanto no passado o trabalho necessitou e, por isso, valorizou a experiência dos anos, hoje há indícios de regressão ou de desfundamentação do critério de antiguidade e do valor da idade mais avançada” (p. 252); ou que “A realidade dos ‘novos velhos’ denuncia o afastamento de condições razoáveis de emprego, em indivíduos absolutamente aptos para o trabalho e apanhados nas relações ambíguas entre os limites temporais e institucionais do direito social ao descanso perante uma difícil recaptação pela estrutura económica de emprego” (p. 253). Assim, é possível prever que “parece irreversível a tendência de centrifugação etária perante cenários de maior rotatividade laboral conjugada com políticas de gestão *ad hoc* das idades ou uma total ausência de preocupações a este nível” (p. 258).

Este é, assim, um sólido trabalho que consegue dar uma visibilidade ao problema dos que no fim de uma “vida de trabalho” acabam por nada ter, pois “a competição em redor do emprego assumirá contornos de feição geracional que outros tempos anteriores não conheceram” (p. 269). Felizmente, Licínio Tomás

está atento a este problema e a esta tendência, e por isso esta obra desperta-nos para as suas implicações e para a necessidade de uma acção explícita sobre o assunto.

António Brandão Moniz

